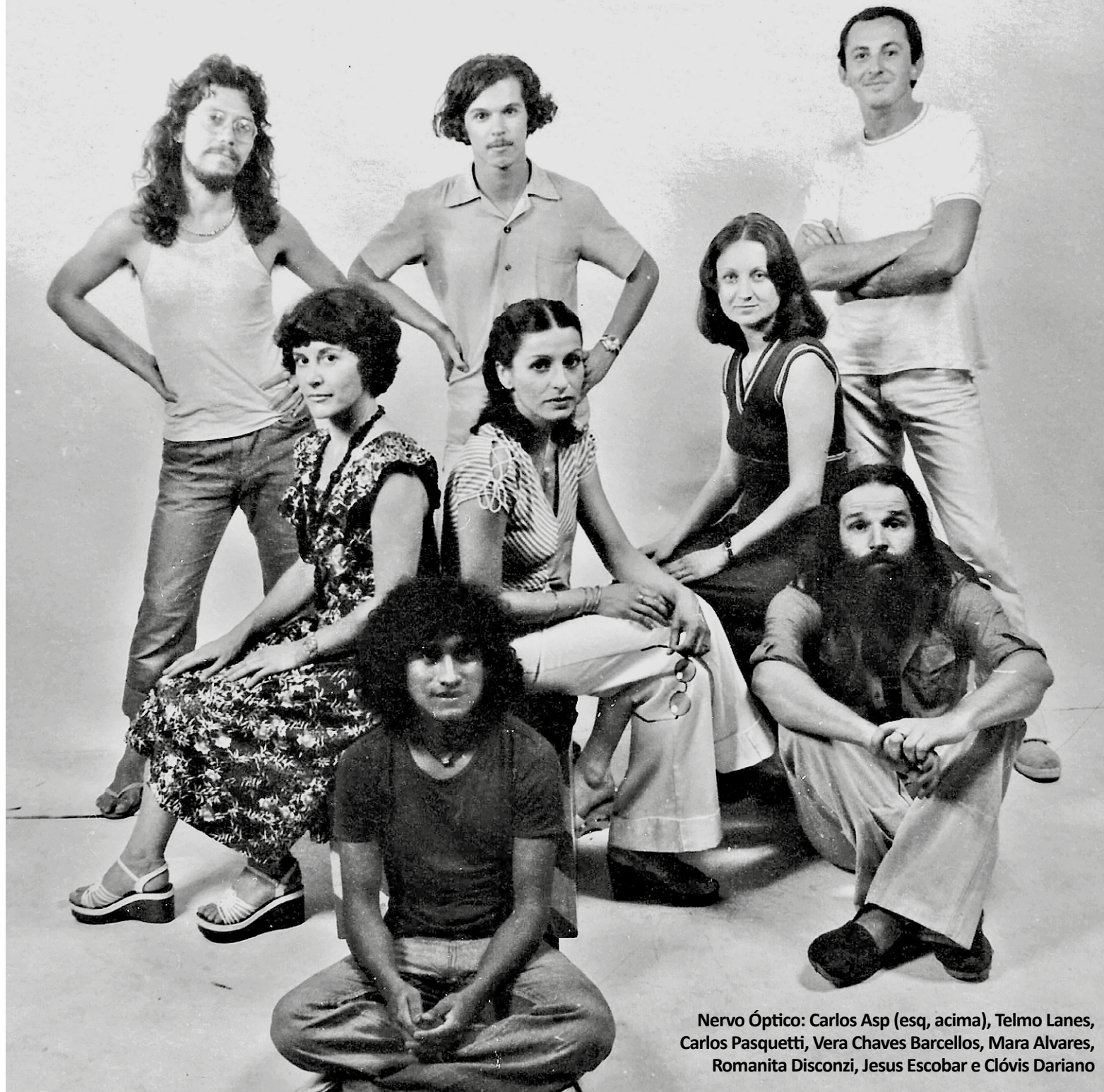


ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DA FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS/DIVULGAÇÃO/JC

## ARTES VISUAIS

## Arte como processo e resistência



Nervo Óptico: Carlos Asp (esq, acima), Telmo Lanes, Carlos Pasquetti, Vera Chaves Barcellos, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Jesus Escobar e Clóvis Dariano

Adriana Lampert  
adriana@jornaldocomercio.com.br

Cinco décadas após a emergência de um dos movimentos mais disruptivos das artes visuais gaúchas, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul - Margs (Praça da Alfândega, s/nº) revisita o legado do grupo de artistas que, entre 1976 e 1978, viria a ser denominado por Nervo Óptico e celebra a obra de Carlos Pasquetti, reafirmando a atualidade de suas provocações. O ciclo de exposições interligadas revisitam e resgatam marcos fundamentais da história institucional do Museu e da arte contemporânea no sul do Brasil, ao mesmo tempo em que fazem um resgate da 'arte

como processo' em um dos períodos mais rígidos da história brasileira - a ditadura militar.

Em 1976, quando o Margs estava localizado no edifício Paraguay, na avenida Salgado Filho, em Porto Alegre, a Instituição sediou e trouxe a público a exposição-manifesto organizada pelos artistas Carlos Asp, Carlos Pasquetti (1948-2022), Clóvis Dariano, Jesus Romeo Galdámez Escobar (1956 - 2025), Mara Alvares, Romanita Martins, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, em um episódio importante para a arte de vanguarda na época. Intitulado *Atividades continuadas*, o evento transcorreu com apresentação de trabalhos, realização de debates e a leitura do célebre mani-

festos assinado coletivamente pelo grupo. Em abril de 1977, os artistas que seguiram reunidos lançaram o cartazete intitulado Nervo Óptico - publicação aberta à divulgação de novas poéticas visuais. Com o objetivo de explorar meios alternativos de veiculação de suas obras, eles produziram 13 edições do cartazete impresso, que acabaria emprestando o seu nome ao grupo.

Segundo a integrante do Núcleo de Curadoria e Programa Público do Museu, Ana Chini, produtora da mostra *Nervo óptico 50 anos - um manifesto* (em exibição até 26 de abril, no 2º andar do Margs), o reencontro com esse acervo revela uma produção que nasceu do desejo de tirar a arte das

redomas do mercado e aproximá-la da vida cotidiana. Nela, o Museu expõe uma ampla e abrangente reunião de trabalhos artísticos e documentação, relacionados ao período de atuação coletiva do grupo, pertencentes a coleções pessoais dos artistas e a acervos artísticos e documentais institucionais, como a Fundação Vera Chaves Barcellos, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), e o próprio Margs.

"Eles tinham um jeito muito experimental, mais focado no processo do que na arte final", observa Ana, destacando que a exposição não apenas exhibe o que restou daquela época, mas convidou os

próprios artistas remanescentes - Clóvis Dariano, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos - a revisitarem suas obras e o manifesto que questionava as estruturas da época. Ana aponta que, com uma pluralidade de técnicas, o grupo deixou um legado de "nervosismo" e questionamento que ainda reverbera.

"Naquele contexto de ditadura, o uso de suportes baratos como xerox, mimeógrafo e arte postal não era apenas uma resposta à falta de recursos, mas uma estratégia poética e política para fazer as ideias circularem fora das paredes dos museus", explica. Essa busca pela quebra de barreiras aparece em vídeos experimentais como *Taquara*, onde os artistas batiam à porta de moradores para perguntar o que era mais importante em suas vidas, misturando arte e participação pública de forma indissociável.

Um dos pontos altos da mostra é a recuperação do espírito crítico e debochado do grupo frente ao conservadorismo. Uma fotografia emblemática presente na exposição apresenta os artistas com bolinhas pintadas no rosto, uma resposta irônica a um dos críticos do grupo, Danúbio Gonçalves, que chamava o movimento de "sarampo", profetizando que ele seria passageiro. Passados 50 anos, o "sarampo" da vanguarda gaúcha prova sua permanência em mais de 50 obras presentes na mostra. A exposição inclui desde as peças de roupa-arte de Telmo Lanes até os ambientes têxteis de Carlos Asp, que expandiam a obra para além das paredes. A fotografia, que na época lutava pelo status de 'arte', aparece como registro de fotoperformance, muitas vezes revelada e desenhada por cima por nomes como Clóvis Dariano, transformando a reprodução técnica em um objeto único e experimental.

Essa atmosfera de experimentação também contamina o 1º andar do Margs, onde a retrospectiva *Carlos Pasquetti - espaços para esconderijos* dialoga diretamente com o movimento coletivo. Pasquetti, que também explorava o corpo e o movimento através de câmeras Super 8, personifica a mistura de linguagens - do teatro às artes visuais - que definia o grupo. Para Ana Chini, a realização simultânea das mostras é um momento crucial de olhar para a história do próprio Museu, que, mesmo em sedes improvisadas na década de 1970, teve a coragem de acolher essa vanguarda. "Ao revisar essas trajetórias, o Museu não apenas homenageia o passado, mas reafirma como essa produção foi fundamental para consolidar as poéticas contemporâneas no Rio Grande do Sul", avalia.